

Em 78, fiscal falsificou votos para o senador

Da sucursal do
RECIFE

O fiscal do INPS Luís Simões Galindo foi uma das principais notícias durante as apurações, no Recife, das eleições para senador, deputados federais e estaduais, em 1978: mesário da 4ª Junta Apuradora, da 2ª Zona Eleitoral, foi preso e autuado em flagrante, ao falsificar votos em branco, preenchendo-os para Nilo Coelho, candidato ao Senado pela Arena-1.

A corrupção foi descoberta pelo advogado Paulo Malta, no dia 19 de novembro de 1978. Delegado da Arena-2 e da ala de Cid Sampaio, candidato pela mesma sublegenda, "tinha desconfiado" daquele mesário desde a véspera. "Então, fiquei a observá-lo, e notei que ele, com o dedo polegar, onde havia um X feito a tinta, marcava os votos em branco para Nilo Coelho. Segurei-lhe as mãos" — contou Malta.

O juiz da Junta, Aloísio Xavier, reconheceu a irregularidade e deu-lhe voz de prisão. O falsário foi preso, mas seu processo, alguns meses depois, foi arquivado.

As histórias de fraude em eleições de Nilo Coelho, ou das quais ele participa, já fazem parte do folclore político pernambucano, mas, até agora, não foi tomada qualquer providência. Em 1978, quando era presidente do Tribunal Regional Eleitoral o desembargador Otílio Neiva, primo em terceiro grau de Nilo Coelho, houve um caso *sui generis* em Petrolina, feudo dos Coelhos.

Fernando Coelho (não é o deputado federal), sobrinho de Nilo Coelho, foi ao distrito de Dormentes, a 120 quilômetros de Petrolina e nos limites com o Piauí, apanhar, em seu carro particular, a urna do distrito, trazendo-a, sem qualquer fiscal do TRE, para a cidade.

Em 1974, também houve um fato

interessante nas eleições de Petrolina, cidade à margem esquerda do rio São Francisco e distante 800 quilômetros do Recife. No distrito de Rajada, distante 72 quilômetros de Petrolina, numa seção havia 350 eleitores. Ao ser aberta a urna correspondente, havia 350 votos, não havendo qualquer abstenção. No entanto, o detalhe mais interessante foi a contagem dos votos: todos eram para os candidatos da Arena e apoiados pela família Coelho: João Cleofas (que disputava com Marcos Freire), Marco Maciel (candidato a deputado federal) e Honório Rocha (deputado estadual).

Para o presidente do diretório regional do PMDB em Pernambuco, Jarbas Vasconcelos, que foi o mais votado dos três candidatos ao Senado em 1978, mas não eleito, "a fraude preparada por ele (Nilo) no plenário do Senado não deve causar surpresa a ninguém".

"Nilo Coelho dizia no sertão, na época das eleições para senador, que ganhava de todo jeito. É useiro e vezeiro na prática de fraude e na manipulação de dados. Eu acho que não ocorre somente na atividade político-partidária, mas deve haver manipulações, inclusive, no complexo empresarial dele" — denunciou Jarbas.

Jarbas Vasconcelos, mesmo obtendo 654.592 votos, contra os 367.720 dados a Nilo Coelho (Arena-1) e 325.777 concedidos a Cid Sampaio (Arena-2), terminou sendo derrotado nas eleições de 1978, cujos resultados oficiais, após uma série de confusões no TRE, só foram divulgados no dia 8 de dezembro.

O candidato da Arena-2, Cid Sampaio, chegou a dizer, após as eleições: "Votos saídos da máquina governamental (numa alusão a Moura Cavalcanti e Marco Maciel) são votos do medo e do suborno, não caracterizam lideranças e manipulam-se com facilidade".